

Existe rock depois do punk?

ARGEMIRO NETO (*)

*É o que pergunta Lawrence Grossberg, num ensaio publicado pela revista americana *Critical Studies in Mass Communication*. Segundo ele, o poder da música pop não está no que ela diz, mas no que ela faz com quem a consome. E quando se fala em rock, isto se torna bastante evidente.*

Muito mais do que um gênero musical de poucos acordes e compasso simples, o rock-and-roll, na época do seu aparecimento, causava furor não pela estrutura melódica ou harmônica de suas canções; um pouco pela estrutura rítmica, mas principalmente pela cumplicidade que estabelecia entre uma forma de arte popular e o público jovem a que se dirigia.

É verdade que, como qualquer música de consumo, ele divertia. Mas esta era apenas a crosta colorida e açucarada deste comprimido de efeitos colaterais imprevisíveis. Se no mundo cosmopolita o carro representava a extensão da casa (e dos alicerces culturais hegemônicos), o rock significava a invasão do lar, uma bolha incômoda aos padrões estéticos e morais dominantes, e que introduzia o culto ao corpo, a liberação sexual e o questionamento dos valores mais tradicionais no dia-a-dia burguês.

Por outro lado, podemos afirmar que os estilos de rock que foram surgindo (psicodélico, heavy metal, new-wave, etc...) não se constituíram em simples estilos musicais, mas criaram um verdadeiro "apparatus" estético que contaminou toda a produção cultural ao redor, dos estilos de dança, moda e publicidade ao cinema e a televisão. Isto porque eles também foram contaminados por inúmeras fontes culturais, e este parece ser um processo contínuo e que por vezes rompe a linha suave que separa o estilo do estereótipo.

O punk apareceu num momento em que o rock convivia comodamente com o sistema que escandalizara: no meio da década passada, as estrelas rebeldes dos anos 60 (Stones, Bowie,...) aderiram definitivamente ao show business e se distanciaram profundamente do envolvimento existencial música-ouvinte. É neste ponto que os vocais desafinados de Johnny Rotten irão destoar do coro das técnicas tradicionais de canto da música pop, e jogar um balde de água fria nos rumos do rock.

Apesar de surgir como estilo, o punk era também a sua negação: a utilização de suásticas e uniformes militares não representava uma possível alusão ao nazismo ou aos horrores da guerra.